

GTX – Crises

Arte e educação com os cotidianos: mil artes de desarticular crises e com elas germinar poéticas

Dra. Maria Morais do Carmo (UFF)
Doutoranda Maristela Petry Cerdeira (Proped/UERJ)
Doutoranda Fernanda Cavalcanti de Mello (FFP/UERJ)

RESUMO

As pesquisas na Educação com os cotidianos são movimentos constantes para a abertura, imprevisibilidade, rede e negociação. É uma pesquisa migrante, híbrida: mil artes de fazer/dizer ‘prácticasteorias’, com ética, estética e política. Conversamos com as artes (personagens conceituais), dentro e fora da escola; criamos outras possibilidades de produção de dados, outras formas de se relacionar com essas redes que formamos e que nos formam. Narramos a vida e ‘literaturizamos’ a ciência, na inventividade cotidiana. Esta é uma pesquisa entre torrentes de calmarias e crises, ao lidar com os temas emergentes aos quais os currículos oficiais tentam deles se esquivar, incessantemente ao ignorá-los. As narrativas visuais e sonoras são ‘espaçotempos’ de fabricar mecanismos de resistências às sociedades das crises como postura ‘epistemológica’. Fazer circular nossas pesquisas em diálogo com as artes e tecnologias se torna urgente e necessário para criar, recriar, resistir e (re)existir com poéticas tecidas em redes.

Palavras-chave: audiovisuais; cotidianos; conversas; narrativas

ABSTRACT: Research in education with daily life are constant movements for openness, unpredictability, network and negotiation. It is a migrant, hybrid research: a thousand arts of making/saying 'practicetheories', with ethics, aesthetics and politics. We talked to the arts (conceptual characters), inside and outside the school; we create other possibilities for data production, other ways of relating to these networks that we form and that form us. We narrate life and literarize science, in everyday inventiveness. This is a survey between torrents of lulls and crises when dealing with the emerging themes that the official curriculum tries to dodge, incessantly. The visual and sound narratives are 'spacetimes' of manufacturing mechanisms of resistance to societies of crises. Circulating our research in dialogue with the arts and technologies becomes urgent and necessary to create, recreate, resist and (re)exist with poetics.

Key-words: audiovisualities, daily life, conversations, narratives



INTRODUÇÃO

Entendemos a vida como movimento, viver é mover, a si mesmo, e o nosso entorno com tudo aquilo que está ao nosso redor, pessoas e coisas. Nesse sentido, viver é também comover e comover-se; porém, com ampliação do senso de apreensão do mundo para além do ver, do sentido da visão, como preconiza Certeau, em relação à epopeia do olhar e a pulsão de ler que “canceriza à vista e mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar e transformar as comunicações em viagem do olhar” (CERTEAU, 2014, p. 47). O autor de *Invenção dos Cotidianos*, ainda assim, e, apesar de tal destaque ao olhar, a atividade leitora propicia, ao contrário do que se propagam estratégias de homogeneização, uma arte sutil para insinuar as mil diferenças no texto que tem força de lei. Essas diferenças são marcas das astúcias diante de um texto que não é mais somente um livro enquadrado na teoria da tradição das sete leituras cabíveis em um livro, como na Idade Média, mas as leituras de “[...] uma sociedade toda feito texto, feita escritura da lei anônima da produção para se ler”, contemporaneamente a partir da modernidade. É também Certeau que sugere evidências as mil diferenças das artes da leitura comparando-as às outras artes, como as artes de conversar e inclui em suas pesquisas outras artes, como a arte de conversar, de falar, de perceber, de gesticular, de escrever, de bricolar, de caminhar, de pesquisar. Essas artes todas nos inspiram a buscar tais diferenças, ‘*antidisciplinas*’ do estatuto da visão. Assim, buscamos pesquisar com todos os sentidos, a partir das interações dos encontros com os praticantes da pesquisa, em encontros para conversar seja com pessoas ou com personagens conceituais (Deleuze, 2001). Esses encontros nos ajudam a movimentar a pesquisa presencial ou remotamente formulando ‘*prácticasteorias*’ e com elas produzindo ‘*conhecimentossignificações*’.

Mover com o som, com os toques, com os gestos, com os sabores, com os odores, com todos os sentidos. Com a visão também. Porém, como defende a cotidianista Nilda Alves, o primeiro movimento a se fazer, nos estudos com os cotidianos, se refere a uma necessária discussão com o modo dominante de ‘ver’, o que foi chamado ‘a realidade’ pelos modernos. A pesquisadora lembra que tal realidade, como alerta Latour (1994), “são criações ‘abstratas como o Leviatã, de Hobbes’.” (ALVES, 2003, p. 3). No grupo de pesquisa ao qual



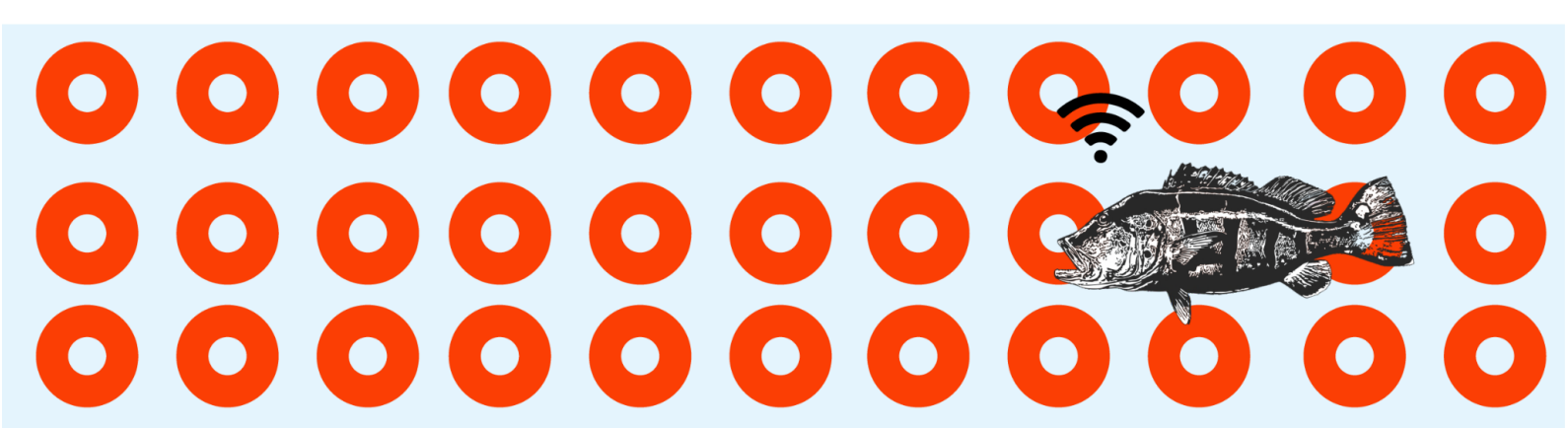
pertencemos, entendemos que a trajetória de um trabalho nos cotidianos precisa ir além do que foi aprendido com estas particularidades e abstrações da modernidade, na qual “o sentido da visão foi o exaltado (“ver para crer”; “é preciso uma certa perspectiva”; “do meu ponto de vista” etc.).” Desconsidera-se portanto, de fato, o praticante, aquele que vive cotidianamente esse *‘tempoespaço’* de viver, ou seja, os cotidianos, que, para nós, é plural, na medida em que são múltiplos. Por isso, é necessário mergulhar nos cotidianos pesquisados com todos os sentidos no que desejamos estudar. Alves (2003) denominou esse movimento de “sentimento de mundo”, inferindo que

É preciso compreender que nossos muitos sentidos são convocados sempre nas relações das pesquisadoras e pesquisadores com os cotidianos, com os *‘praticantespensantes’* desses tão diferentes e múltiplos *‘espaçostempos’*. Desse modo, os processos de pesquisa nessa corrente exigem olhar, mas também ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo aquilo que aparecer em nossos caminhos” (ALVES, 2019, p. 23).

O mundo está em crise. A Covid-2019 ajudou a sentirmos melhor esses *‘espaçostempos’* de modo global. Por meio desse movimento, nossa percepção se amplia sobremaneira por meio das artes, nas expressões dos artistas, dos professores, das pessoas comuns, porque nós, segundo a linha de pesquisa dos cotidianos, somos criativos, inventamos os cotidianos, criando táticas de sobrevivência e de resistência. Resistimos, assim, criando, pelas mil artes de fazer, de dizer, de narrar, de conversar etc.

Os movimentos da pesquisa e as metodologias

A pandemia e a crise sanitária foram momentos que marcaram essas criações. Estivemos reclusos em nossas casas e tivemos notícias sobre os heróis que enfrentaram o vírus de peito aberto, impossibilitados que estavam de seguir normas de reclusão por falta de amparo político e econômico, principalmente. Mas, mesmo assim, seguiram. Foram as artes do nosso próprio fazer ou de apreciar expressões artísticas alheias que nos salvaram, mas também criações mais sutis *‘feitas escrituras da lei anônima da produção’*, como mencionamos na abertura. Criações como palavras criadas ou desarquivadas para nomear,



sentimentos, acontecimentos desse novo momento de crise. Mas também a sensibilidade de artistas que nos ajudam a perceber e reunir essas criações. Então, destacamos aqui a obra de Giselle Beiguelman, ao participar do programa Convida, valorizando esse sentimento de mundo durante a pandemia, unindo tecnologia e arte, buscando realizar o mapa de calor, que são aquelas questões que mais são procuradas no *Google*. Criou-se, então, um coronário, um dicionário sobre esses sentimentos. Entre outros trabalhos apresentados no programa convida, o Instituto Moreira Salles, disponibilizado virtualmente durante a pandemia a artistas a partir de tecnologias de busca, começou a traduzir e a reunir essas sensações, essas emoções, esses sentimentos em um glossário e que nos ajuda a conversar sobre esses novos vocábulos.

Figura 1 – Obra realizada especialmente para o programa Convida.

Coronário

Coronavírus Confinamento Álcool Gel Máscara
Cloroquina Wuhan Testar Positivo Comunavírus
Lockdown Lavar as Mãos Isolamento Social Home Office
Zoom Auxílio Emergencial Live EPI Pandemia
Monitoramento 24/7 Google Quarentena Mapa de Calor
Covid-19 Desemprego Economia do Olhar

Instituto Moreira Salles, Giselle Beiguelman

Vocabulário que se insinua a adentrar nossos lares e também nossas produções acadêmicas. Desse modo, os nossos currículos nas escolas não podem ser homogêneos, desconsiderar essas e outras palavras, expressões, emoções e sentimentos, que se dão nas redes, nas ecologias de saberes, reunidas no encontro entre pessoas tão diversas, nessa fruição virtual que se alocou também em nossos lares, ampliando nossas vivências e oportunidades de formação de redes. Pensar sobre essas redes que formamos e que, por elas, somos formados, nos auxiliando a ir além do que já sabemos. É nesse sentido que pensamos juntamente com a imagem abaixo, uma exposição de redes de dormir. Artefato considerado símbolo de brasilidade, utilizado pelos povos originários têm diferentes versões, usos e arranjos estéticos.

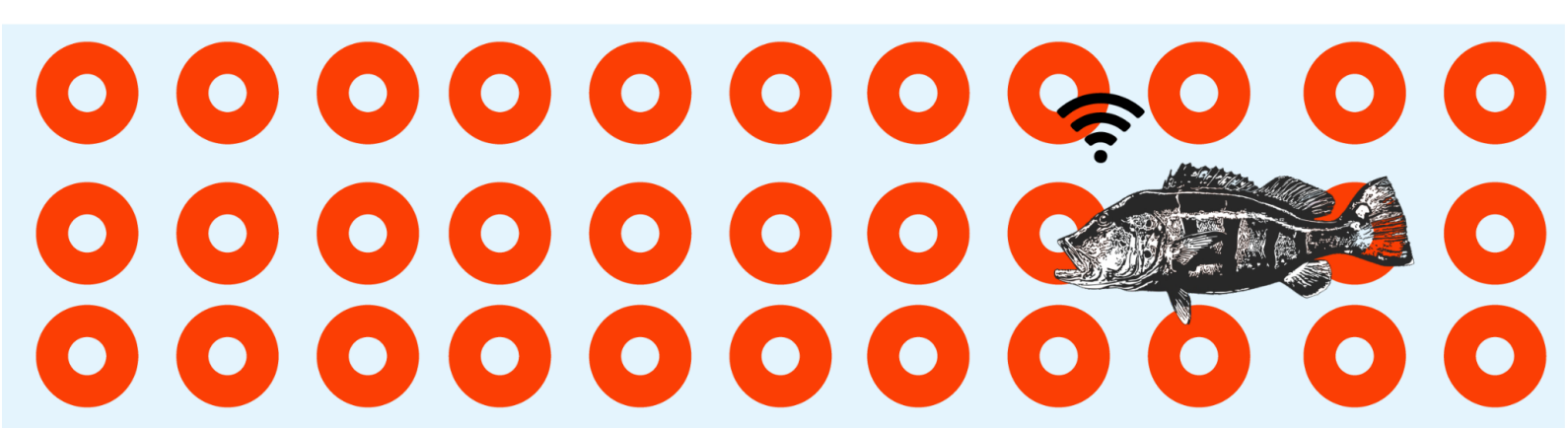
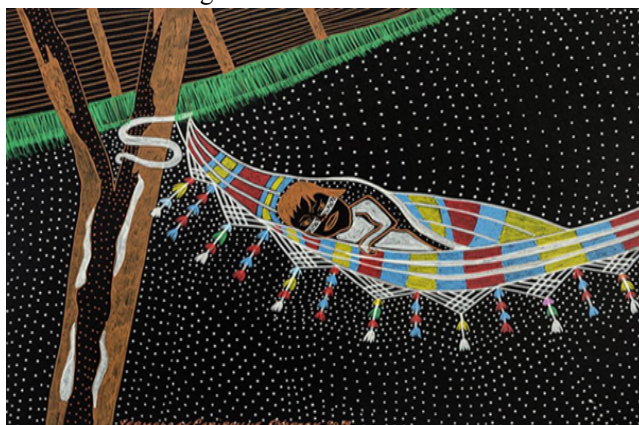


Figura 2 – Redes de Dormir



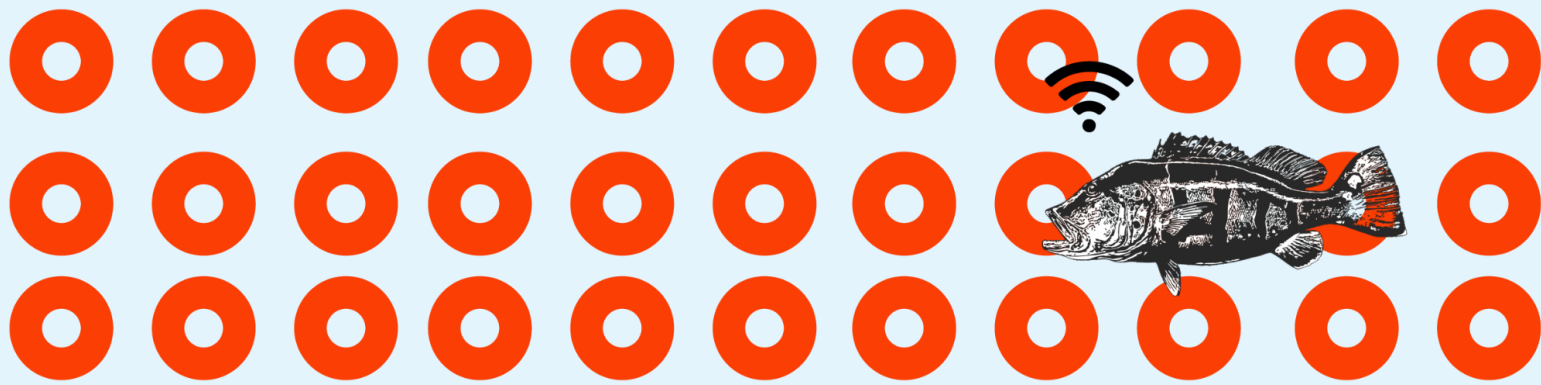
Exposição no CCBB: Redes de Dormir

Por isso, ao segundo movimento da nossa pesquisa, chamamos de “ir além do já sabido”. Mergulhamos inteiramente naquilo que estamos pesquisando, buscando as referências, os gostos, tocando as coisas e, se possível, produzindo também, fazendo os artefatos que vamos transformando de cultural à artefato curricular, entendendo como o de

Criar *'fazerespensares'* novos só pode se dar, exatamente, no embate com o que já foi feito. Não se dá, não pode acontecer, por geração espontânea. Isto coloca, é evidente, um grande desafio: conhecer o melhor possível o que existe – o que se escreveu, o que se pensa – pois só assim é possível negá-lo, mostrar seus limites e ir adiante. Lembrar fortemente, aqui, que não se está falando em conhecer tudo – tarefa impossível a um ser humano ou, mesmo, a um grupo de pesquisa – mas se fazer escolhas e ‘conversar’ intensamente com os autores nelas incluídos. (ALVES, 2019, p. 27).

É por isso que o nosso último projeto, que era sobre migração, trouxe várias questões dessas artes que trabalhavam com os sentidos dos migrantes e imigrantes, da migração etc. Não somente das pessoas, mas das coisas e dos usos que as pessoas fazem dos artefatos que nos ajudam a pensar. Esses artefatos que nos captam com suas imagens, sons, cores, odores e sabores se interpõem em nossas *'prácticasteoriaspráticas'* que nos movimentam a refletir sobre nossas maneiras de fazer os cotidianos escolares, e os cotidianos de nossas vivências.

Essa interposição se dá por meio dos nossos intercessores (DELEUZE, 2001). Personagens conceituais, nosso terceiro movimento com os quais dialogamos, tomando como exemplo as palavras de Beiguelman, as redes de origem aborígenes, observadas durante a

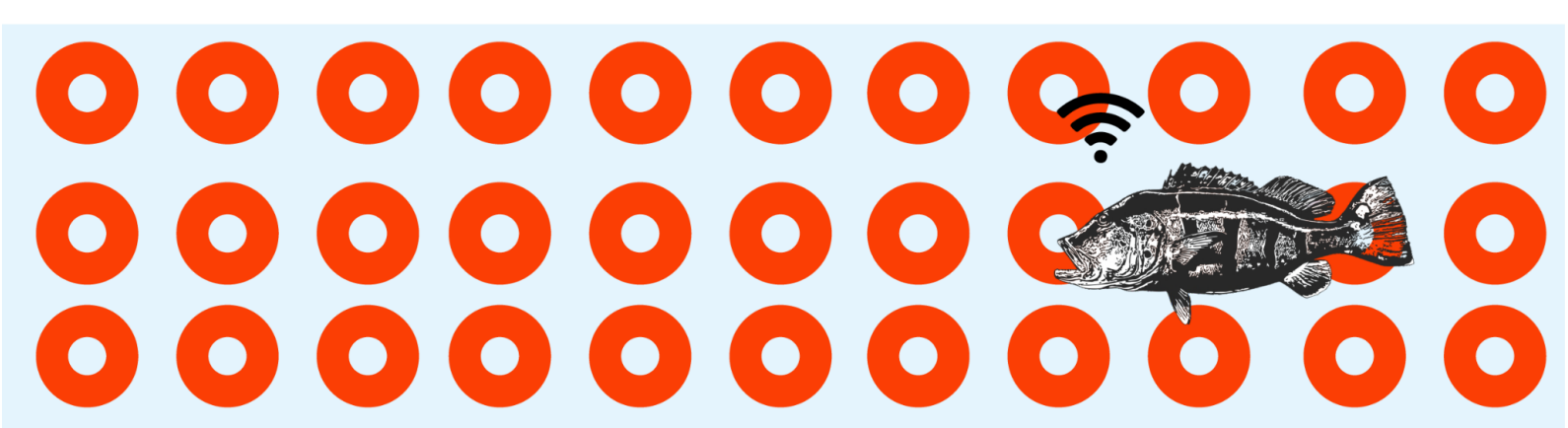


exposição ‘Redes de Dormir’, no CCBB, em 2019/2020, com curadoria de Raphael Fonseca, e as demais imagens que circulam neste texto que trouxemos para conversar, tanto com os leitores quanto com os ouvintes deste seminário. O conceito deleuziano foi escolhido para nomear essa conversa que se dá entre cada um e a relação com as ideias, as sensações, as emoções, os sentimentos, os saberes gerados nessa interlocução entre pessoas, obras, coisas e os praticantes da pesquisa, na medida em que

foi possível, pouco a pouco, termos esta compreensão que dentro de uma pesquisa com os cotidianos, nos é necessário criar nossos intercessores – os personagens conceituais – o que difere completamente de outras propostas de pesquisa que pretende encontrar “fontes” com as quais possam “encontrar verdades”. Os “personagens conceituais” que criamos e com os quais ‘conversamos’ nos servem para compreender aquilo que pesquisamos e para nos fazer pensar” (ALVES, 2019, p. 30).

Para os cotidianistas, a produção de ‘*conhecimentossignificações*’ amadurecem na apreciação dessas artes de fazer, seja literatura, filme, vídeo, performance, teatro, bordado, música, acontecimento etc., visto que nós, os pesquisadores, também vamos criando os nossos próprios personagens conceituais, porque somos seres de criação. É nesse sentido, ainda, que nossos encontros sejam nas *cinconversas* ou nas reuniões de pauta para produção de *podcasts* a partir de filmes, e encontros de grupo para leitura compartilhada, visitas à exposições e produções artísticas de grupo, feitas coletivamente unem práticas e teorias em um mesmo fazer. Não separamos as práticas das teorias, nem vice-versa, assim como não acreditamos na hierarquia da teoria de uma sobre a outra, embora marcamos a prática como condição essencial, assim práticas/teorias e novamente práticas no movimento circular e contínuo de modificar tudo aquilo que necessita ser modificado para a mudar as pessoas que mudam o mundo.

Nossa ênfase na liberdade e na multiplicidade curricular está ancorada nessa compreensão de que todos criamos *curriculum*, pois formamos pelas redes às quais somos formados. Daí a ideia de rizoma de Deleuze (2001) de crescimento e de estar no mundo como soma e união, nos espaços entre as coisas, “e...e...e...,” nos inspira. É a nossa forma de caminhar e de selecionar ‘*sentirpensar*’ os ‘objetos’ da pesquisa. Primeiramente, não são



objetos e, sim, participantes mesmo, pesquisamos com as pessoas e não sobre as pessoas. Sentir o mundo nos leva a pensar o mundo ou a perceber os temas do mundo. E esses temas podem nos levar em diferentes direções, mas sempre em movimento, caminhando uma reformulação curricular. Por isso, nossos currículos são híbridos, são migrantes.

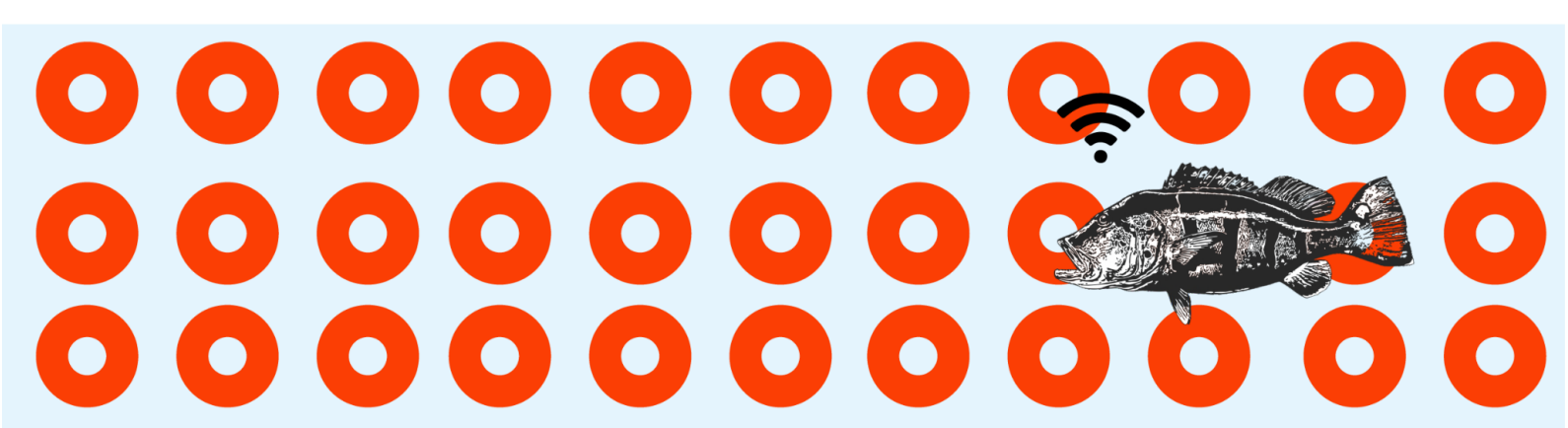
Nascemos e morremos migrantes, mas fazemos isso rizomaticamente, tal como nesta obra, feita a partir dos ritmos dos batimentos cardíacos de um feto, de um homem de 35 anos e de um idoso de 80 anos. A impressão 3D nos faz pensar metaforicamente a vida e o seu pulsar. Na obra *The Lace*, esses movimentos se entrelaçam. Uma rede cujos fios são feitos de vidas que se expandem e se transformam em outras coisas. Perceber essa trajetória vividas enquanto são vivenciadas é construir narrativas, descrevê-la e narrá-la, percebendo as naturezas e as cartografias, ouvir histórias de vidas de outras pessoas e contar as suas, entendendo a ciência como literatura. Esse é o nosso quarto movimento, também criado por Alves (2001), “narrar a vida e literaturizar a ciência”. Na atualidade, também usamos o termo ‘*audiovisualizar*’ a ciência, visto que todos somos contadores de histórias, estamos numa ilha de edição, escolhendo, selecionando aquilo que nós vamos dizer e como vamos dizer, pois

fazer ciência contando histórias nos desafia também a escrever para aqueles e aquelas que não são nossos tradicionais interlocutores do campo científico, mas, produzem em seus cotidianos os ‘conhecimentossignificações’ que dialogam, problematizam, tensionam e complementam aqueles produzidos nas universidades. (ALVES, 2019, p. 34).

Figura 3 – *The Lace*



Luminária feita a partir de impressão 3D, de áudios captados de batimentos cardíacos



O movimento narrar a vida traz também uma relação com a memória, como trazemos a reflexão a partir da obra de Guto Requena. Então, essa obra é feita, são quatro vasos de vidro, feitos artesanalmente, mas também com o uso da tecnologia, porque são gravadas fábulas contadas pela avó desse artista e os áudios geram o *design* dos objetos fabricados. Então, cada curva dos jarros produzidos tem o registro e a materialidade das narrativas. São quatro fábulas diferentes, quatro modelagens de jarros distintos. A memória está impressa na história de vida também da arte que se recria e da compreensão dos significados e conhecimentos. Segundo Certeau (2014), a nossa memória também é uma recriação.

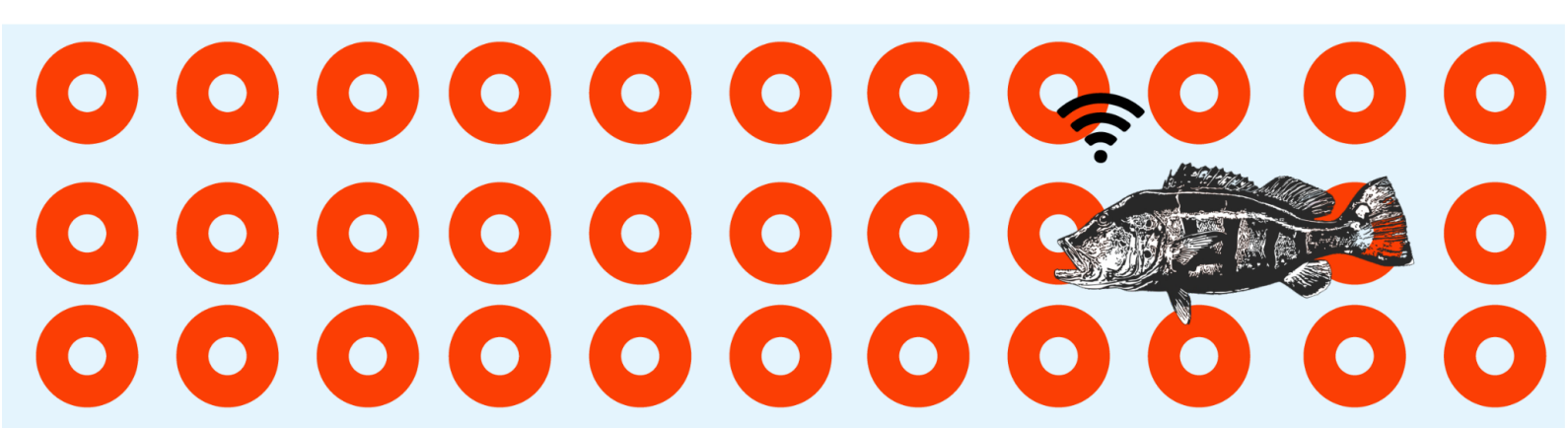
Figura 4 – Era uma vez



Série de vasos fabricados a partir de tecnologias generativas

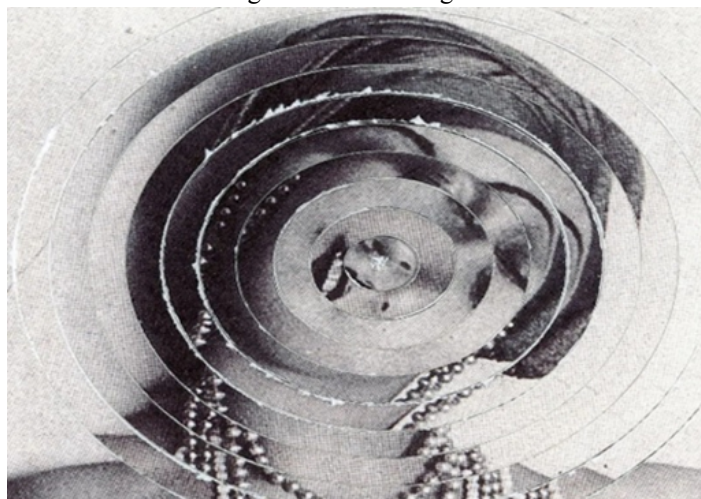
O quinto movimento da pesquisa é, justamente, uma homenagem ao praticante que, no caso da área educação e teorias didático-pedagógicas e curriculares são praticadas por mulheres em sua grande maioria. É também um reconhecimento à força feminina na transmissão ancestral. Por isso, é um movimento criador e de resistência. É a esses praticantes que dedicamos e pesquisamos juntos. Nesse movimento,

se reconhece que o mais importante nas pesquisas com os cotidianos é identificar e incorporar os ‘praticantespensantes’ com suas memórias de suas tão diferentes criações culturais e curriculares, tratando dos ‘conhecimentossignificações’ que produzem em suas tantas narrativas, como respostas às suas necessidades cotidianas, com seus modos de compreender o mundo e nele agir, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam. (ALVES, 2019, p. 34).



Destaca-se também nesse movimento a atuação coletiva, colaborativa e afetuosa entre mulheres na composição/concepção dos cotidianos, seja escolares e de outras atividades educativas, *'dentrofora'* da escola. Somos praticantes e somos docentes discentes, visto que só se ensina o que se aprende. A figura abaixo nos ajuda a pensar tanto no quarto quanto no próximo movimento:

Figura 5 – Arte colagista

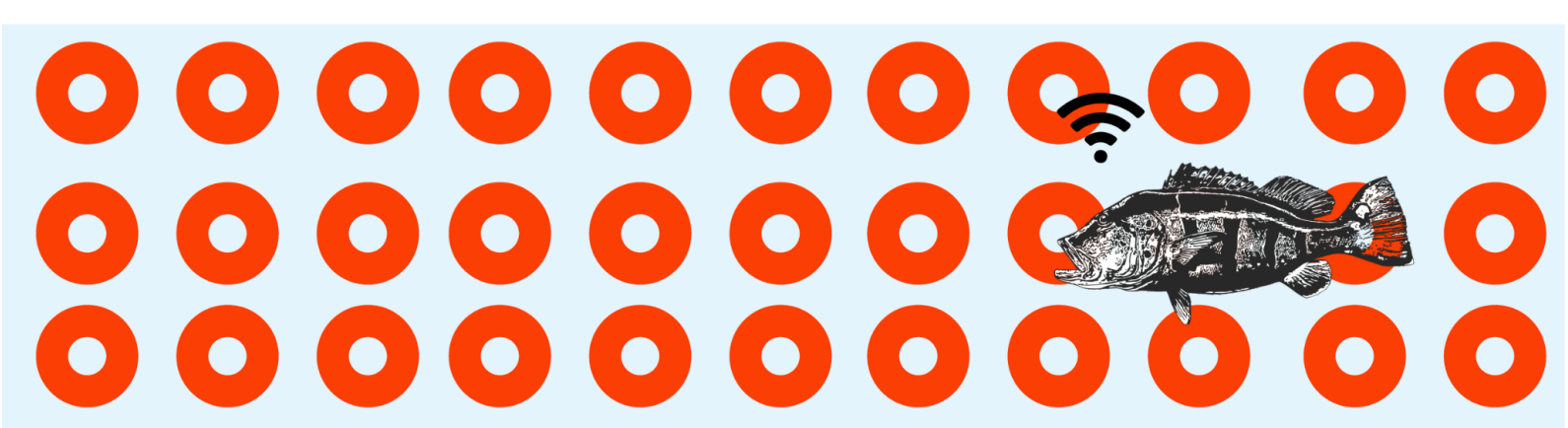


Redecollagebrasil

Um outro movimento, que não é o último, outros podem emergir, é a circulação científica, como necessidade. Diferentes pensamentos, diferentes memórias, diferentes *'prácticasteorias'*, a partir das redes que vamos tecendo no momento em que nos colocamos em movimento nesta circulação:

veremos os inúmeros *'espaçostempos'* nos quais artigos de pesquisadoras/es com os cotidianos e mesmo um vídeo produzido em um a destas pesquisas aparecem : são teses, dissertações, artigos, documentos de secretarias nos quais são referenciados e mesmo publicados na íntegra. (ALVES, 2019, p. 39).

Fazemos isso por meio de encontros, de produção de artefatos curriculares, produzindo filmes, *podcasts*, livros, palestras, colagens, artigos, narrando a vida e literaturizar a ciência, participando de seminários e, e, e...



REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-38.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Rio de Janeiro, *Revista TEIAS*: ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

REQUENA, Guto. *Habitar Híbrido*. Subjetividades e Arquitetura do Lar na Era Digital. Senac, SP.2019.

Como citar este texto:

CARMO, Maria M; CERDEIRA, Maristela P.; MELLO, Fernanda C. Arte e educação com os cotidianos: mil artes de desarticular crises e com elas germinar poéticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. ISSN: 2674-7847. p.1-10.